

Antropologia e formas quotidianas: o brasileiro e a hospitalidade

(Aula Magna para o Programa de Mestrado e Doutorado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 14-3-19. A edição preservou o tom coloquial da conferência)

Jean Lauand¹

Resumo: Notas de conferência – aula inaugural para o Programa de mestrado e doutorado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi – sobre “o brasileiro” e a hospitalidade. Discute a sociologia da comunicação na linguagem e a suavidade (ou não...) de nossas formas quotidianas de convivência.

Palavras Chave: Português do Brasil. Hospitalidade. formas de convivência. Sociologia e linguagem.

Abstract: Notes of lecture – opening class to the Hospitality MD/PhD Graduate Programm of the Universidade Anhembi Morumbi – on “the Brazilian way” and hospitality. The article discusses Sociology of Communication and the polite (or not...) forms in Brazilian language and culture.

Keywords: Brazilian Portuguese. hospitality. Sociology and language. Brazilian politeness.

Resumen: Notas de conferencia – clase inaugural para el Programa de master y doutorado en Hospitalidad de la Universidade Anhembi Morumbi – sobre “el brasileño” y la hospitalidad. Discute la sociología de la comunicación en el lenguaje y la suavidad (o no...) de sus formas quotidianas de convivencia.

Palabras clave: Portugués de Brasil. hospitalidad. Sociología y lenguaje. Delicadezas del brasileño.

1. Algumas questões metodológicas

Primeiramente quero agradecer o honroso convite para proferir esta aula inaugural para o Programa de Pós Graduação, Mestrado e Doutorado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, particularmente ao Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, que representa, em seu requintado acolhimento, a anfitriã do Programa.

Começemos com algumas considerações metodológicas.

Trataremos da hospitalidade, não no importante sentido técnico estrito – “estudo dos modelos de gestão das organizações envolvidas com o receber humano (...) abrange diversos segmentos produtivos, como hospedagem, serviços de alimentação, transportes, entretenimento, eventos, shopping centers, bancos (...) etc.” (Anhembi Morumbi, 2019) – mas em seu sentido mais amplo, milenar, por exemplo da tradição árabe ou bíblica (e, no nosso caso, da brasileira), do cálido acolhimento humano (para além da logística e das infraestruturas). Desse ponto de vista, a hospitalidade é uma daquelas tantas realidades antropológicas que é fácil de perceber, mas difícil de enunciar em conceituação teórica. E é que a realidade humana não se deixa apanhar facilmente: está escondida e resiste a se manifestar.

Sobre o humano, sabemos e não sabemos! Em sua aguda sabedoria, Santo Agostinho destrói a arrogante presunção de nossos “conhecimentos” com a sentença: “*Si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti explicare velim, nescio*” (Conf. XI, 14). Diante da simples questão: “o que é o tempo?”, o mestre de Hipona reconhece: “se ninguém me pergunta, claro que sei o que é o tempo; se quiser explicar a alguém que me pergunta, absolutamente não sei o que é o tempo” (Cf. Agostinho 2007, p.120)

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br. Agradeço ao Prof. Dr. Cláudio Stefanini, editor da Revista Hospitalidade, vol. 16.1 (revista do Programa: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade>), a gentil permissão de publicar também aqui este artigo.

E o mesmo ocorre com todos os conceitos fundamentais. Por exemplo, quando Camões quer explicitar o que é o amor, não encontra melhor formulação do que a dos versos:

...um não sei quê, que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e dói não sei porquê. (Camões s.d.)

Tratando-se de pesquisar uma realidade natural qualquer, em geral temos acesso direto a ela: se quero saber a composição de uma amostra de sal, posso literalmente tomá-la na mão, levá-la a um laboratório e, submetendo-a aos procedimentos apropriados, descobrir que contém tanto de sódio, tanto de cloro, de iodo etc. Posso analisar detalhadamente realidades mínimas, como o *Aedes Aegypti*, com poderosos microscópios; ou imensamente distantes, com telescópios (ou até enviar uma sonda a Marte para saber se há água lá) etc. Mas, as coisas se complicam quando se trata da realidade humana: o que é o amor, a inveja, a gratidão, a justiça, o calor da hospitalidade...? Aí recaímos naquele “saber-sem-saber” agostiniano...

Nesses casos, a pesquisa tem que se valer de caminhos indiretos: buscar onde podem se manifestar essas realidades. O grande filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper (2018, p. 109) indica três sítios privilegiados para “vasculhar” e resgatar essas realidades humanas escondidas: sobretudo na linguagem, mas também nas instituições e nos modos de agir humanos (cf. tb. Lauand 2015).

É essa garimpagem, nesses três sítios – linguagem, instituições e agir –, que vamos buscar a sociologia do brasileiro em sua hospitalidade.

No que diz respeito à hospitalidade, dizemos que tal país é muito hospitaleiro e tal outro não o é. O Brasil, entre tantos paradoxos, acumula também o de ser um dos países mais violentos do mundo e, ao mesmo tempo, um dos mais hospitaleiros.

Um milhão de estrangeiros de 203 nacionalidades visitaram nosso país na Copa do Mundo de 2014 e para mais de 60% deles era sua primeira visita ao Brasil. Quantos países no mundo poderiam exibir uma avaliação sobre os anfitriões (pesquisa DataFolha) com 98% no quesito simpatia; 95% em receptividade e 95% de ótimo ou bom quanto à hospitalidade?
(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/176159-copa-do-mundo.shtml> acesso em 09-02-19).

Não vamos falar hoje, dizia, de hospitalidade no sentido técnico, da extensão e qualidade do gerenciamento da rede de hotelaria etc., mas da hospitalidade enquanto acolhimento e calor humano. No primeiro sentido, um país como a Suíça está muito à frente do Brasil; no segundo, é ao contrário. A Suíça esbanja justa fama na excelência do gerenciamento da hospitalidade, mas é deficiente em calor humano. Lembro-me de em conversa com o grande filósofo espanhol, Julián Marías (1999), ouvi-lo elogiar a incomparável hospitalidade da gente do povo no Brasil (referia-se ao Nordeste) e afirmava ter visto no mercadinho de Olinda, entre a gente pobre, “mais alegria do que em toda a Suíça junta”. E aquele jornalista suíço, correspondente de Zurique no Brasil, quando perguntado por Leila Sterenberg no programa “Clube dos correspondentes” se tinha intenção de voltar para a Suíça, respondeu de pronto: Não!, sentiria falta do calor com que, até na padaria, era tratado amorosamente por “meu querido”...

Um caso que ilustra bem a diferença (e, por vezes, até o confronto...) dos dois sentidos da hospitalidade aconteceu comigo, há algum tempo, ao pedir um café no Mc Donald's da Av. dos Bandeirantes. O Mc Donald's e algumas outras redes estrangeiras de fast food procuram padronizar o atendimento para torná-lo rápido, impessoal e eficiente. Paguei a conta e estava saindo, com meu andador de rodinhas, quando a moça que já me atendera com o calor brasileiro (no caso afro-brasileiro), que rompia com o protocolo da firma, largou apressadamente o balcão e veio abrir a porta de saída para ajudar-me. Agradei, dizendo que não era necessário ("eu consigo abrir sozinho!"), mas ela, finíssima, abriu-me a porta e disse: "É que a gente tem o jeito: às vezes ela emperra..." Nenhum treinamento de pessoal pode obter resultados que se aproximem dessa aristocracia de acolhimento, "conatural" à alma brasileira (e que, infelizmente, vai se perdendo entre nós...).

Seguindo a mencionada metodologia de Pieper, vamos examinar a linguagem do brasileiro para podermos acessar seus valores e sua hospitalidade.

Claro que quando falamos em "o brasileiro" é com todas as mil ressalvas metodológicas, pois "o brasileiro", assim sem mais, não existe; existem os duzentos e tantos milhões de brasileiros concretos, com sua infinita e variada diversidade. Mas, certamente, a Sociologia pode legitimamente (sempre com as devidas ressalvas...) falar em "o brasileiro". Em primeiro lugar, como **tipo**. E também não será abusivo falar de "o brasileiro", em termos de *vigências*², no sentido em que empregam esse conceito Julián Marías e Ortega y Gasset (Cf. Lauand 2018), estas sim mais ao alcance da mão: aquela faixa (de relativa amplitude) de atitudes e comportamentos (de alimentação, vestuário, trato com o outro etc.) que são pressupostos e validados por determinada sociedade: os padrões *taken for granted* que regem a vida de todo mundo em dada comunidade.

Por exemplo, é óbvio que as vigências do brasileiro quanto à pontualidade são muito mais flexíveis do que as britânicas, japonesas, alemãs ou americanas. E o mesmo se diga das vigências brasileiras, que permitem ampla margem de contato físico até com pessoas pouco conhecidas: beijinhos, abraços etc., que são impensáveis em outras culturas.

A seguir, darei outro exemplo que, por sua imponente evidência, resume as qualidades da hospitalidade brasileira, por assim dizer "quimicamente pura" (e, portanto, da Bahia...): em suas vigências da afetividade, extroversão, acolhimento, informalidade, impulsividade etc.

2. A expansiva emotividade do brasileiro

"A paz de Cristo"

Já que estamos em metodologia de tipos, pode ser útil estender a tipologia dos temperamentos dos indivíduos feita pelo psicólogo americano David Keirsey (1984; 1988) a comunidades e mesmo a países. No caso, afirmaremos o brasileiro como ESFP, tal como fizemos em Lauand (2013). Traduzindo a abreviatura para o não iniciado, as letras S e P formam o temperamento SP, tipicamente: impulsivo, lúdico e alegre, voltado para a ação (e não para a reflexão) e para o "aqui e agora", hedonista; em muitos pontos o oposto do SJ, voltado para o dever a responsabilidade e a "seriedade". Obviamente, ser SP é já metade do jeitinho brasileiro. Para completar o tipo ESFP, ao SP juntaremos a Extroversão (E) e a emotividade F (F de *feeling*).

². Para o tema dos tipos (o "brasileiro") e das *vigências*, veja-se Lauand, Jean "Espanha e Brasil: 'las vigências'", Revista Internacional d'Humanitats N. 42, <http://www.hottopos.com/rih42/129-136Jean.pdf>.

Nas vigências brasileiras, o lúdico impera. A piada, o trocadilho, a tirada são imensamente apreciados e têm livre trânsito em nosso convívio. Piada que quebra as barreiras da impessoalidade no trato e – para o bem e para o mal – a seriedade das instituições. Lembro-me, por exemplo, que, na infância, todo colégio estadual ganhava um epíteto rimado da garotada: “Colégio Estadual Brasília Machado, entra burro e sai tapado!”, “Colégio Estadual Vila Clementino, entra burro e sai cretino!” Etc.

O lúdico atinge limites imprevisíveis. Até em casos de desastrosas enchentes, chegamos, por vezes, a encontrar na TV, entre as vítimas, um toque lúdico em meio à desgraça. Como diz o certeiro e intrigante verso – toda uma definição do Brasil – de Chico e Vinicius: “a alegria que não tem onde encostar”, da canção “Gente Humilde”.

Estamos tão acostumados ao lúdico que nem sequer notamos seus exageros, impensáveis em outras latitudes: em que outro país do mundo seria possível imaginar que a Receita Federal se apresentasse oficialmente como leão?!!

Nesse sentido lembro-me que, ainda criança, acompanhando em álbuns de figurinhas, as copas de 58 e 62, já me chamava a atenção que, enquanto todo o resto do mundo era composto só de nomes ou sobrenomes, o time do Brasil tinha apelidos: Didi, Vavá, Pelé, Garrincha, Pepe, Dida, Zito...

Mas vamos ao exemplo que eu tinha anunciado. O católico brasileiro, tipicamente ESFP (extrovertido, impulsivo e afetivo), ficou felicíssimo, depois do Vaticano II, com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso (“conforme a oportunidade”), do convite, feito pelo sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo”.

Coeteris paribus, nesse momento, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá “a paz de Cristo” e em poucos segundos a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era – como em tantas outras de nossas vigências, fortemente africana – o ponto alto da cerimônia: um verdadeiro “arrastão” no qual cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom introvertido, sentindo-me aflito e deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado, beijado (em alguns casos, cheirado...) etc. numa explosão de alegria, que, certamente, para nós brasileiros, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor...

Recentemente o Papa Francisco, para coibir exageros, confirmou as indicações da Congregação para o Culto Divino que tornam mais sóbrio o “rito da paz”: proibindo o deslocamento dos fiéis e do próprio sacerdote etc. Resta saber, se no Brasil – e na Bahia – “vai pegar” (claro que não!).

Esse delicioso transbordamento de afetividade e de emoção do brasileiro (ESFP) tem também seus problemas.

Nunca diga “não” - diminutivos

No Brasil, as formas de convivência muitas vezes se revestem de eufemismos e cuidados para não ferir susceptibilidades e evitar melindres. Impera na convivência a suavidade e, assim, expressões de enfática afirmação como: “Com certeza!”, “Ôôôôpaa!” (que é um sim superlativo), “pode deixar” “tamos aí” etc. podem significar, pura e simplesmente, um rotundo não. Um convite descabido: “Quero que você vá ao casamento da neta da minha cunhada!”, obterá como resposta um “Com certeza!”. Naturalmente, o convidado sabe que não irá de modo algum, mas o que

importa é que, no momento do convite, poupou o interlocutor do desgosto de ouvir uma negativa.

Outro modo de aparar arestas na convivência é o emprego irrestrito de diminutivos. Como escreve o clássico Sérgio Buarque de Holanda: “Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração³”.

Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados a atenuar tudo com diminutivos; assim, alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos, como “maminha” e “fraldinha”; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, “coraçõzinho”, “linguicinha” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos, Fernandinho, Marcinho etc. E, para complicar as coisas, o diminutivo (outra notável influência africana em nosso falar...) pode servir também de aumentativo, como quando se diz do pão de queijo que acaba de sair do forno “está quentinho”; ou da moça apaixonada em grau superlativo por um rapaz, que “está caídinha por ele” (ou “caídaça”). E o jogador que mais pontua no basquete é o “cestinha”. E o coroa “velhão” é tiozinho.

Eufemismos, melindres e votos exagerados

Outro fator desconcertante para os estrangeiros são os eufemismos, que tendem a se absolutizar e excluir o verdadeiro nome das coisas: dificilmente designaremos um homem gordo por gordo, e menos ainda uma mulher! Ela é “fortinha”. “Moço”, e especialmente o feminino, “moça” ou “menina” pode designar uma pessoa qualquer, não necessariamente jovem: mesmo após 50 anos de carreira, até o falecimento de Cybele aos 74 anos, sempre se falou em “as meninas” do Quarteto em Cy.

A hipertrofia do fator F (*feeling*, *approach* pessoal, emotividade) promoveu uma encantadora delicadeza: o Brasil é o único país do mundo que mudou a palavra “lepra”, carregada de estigmas, para “hanseníase”. Embora a especialista Dra. Maria Leide de Oliveira aponte também as disfunções dessa ternura eufemística: “Hanseníase é [erradamente tida por] uma doença simples, não precisa se preocupar, tem tratamento e cura, então talvez a gente tenha banalizado muito a hanseníase⁴”.

O telejornalismo brasileiro é campeão mundial no quesito cumprimentar o telespectador (moda tupiniquim iniciada – segundo ela mesma – pela jornalista Elisabete Pacheco). Enquanto praticamente as TVs do mundo todo vão ao assunto diretamente, aqui, antes de iniciar sua matéria é necessário que o repórter cumprimente a bancada e os telespectadores: “Boa noite William, boa noite Renata, boa noite a todos os que nos assistem...”. O próprio “bom dia”, “boa noite” vão se tornando votos menores e quase mesquinhos e é preciso potenciá-los: “Uma ótima noite e um excelente fim de semana...”. Se não há exagero ao expressar votos ou apreço, corremos o risco de ferir a susceptibilidade do brasileiro, campeão mundial de

³ Citarei pela ed. eletr. <http://filosofibrasileiracefib.blogspot.com.br/2013/01/sergio-buarque-de-holanda-cap.html>. Acesso em 3-1-19.

⁴ Câmara Notícias, 2012 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>

melindres e emotividade. Enquanto isso, os ingleses estudam seriamente a abolição até do ponto de exclamação da gramática da língua!!!

Vamos nos aproximando assim da exuberância das fórmulas de hospitalidade do mundo semita (no qual vigora, por exemplo, o temível provérbio árabe: “O apreço pelo anfitrião está no quanto você come; o apreço pelo defunto, no quanto você chora”). O Alcorão prescreve, por exemplo (IV, 86), retribuir uma saudação com outra mais intensa ou, pelo menos, não inferior. Naturalmente, a reação em cadeia deflagrada por um simples “Bom dia” pode durar uma eternidade: “– Bom dia...”, “– Tenha você um dia de luz...” “– E você um dia de luz e de mel...” (mel e jasmim; doce música; que a sombra de Allah te acompanhe; etc.). Nesse sentido, Cristo, que tão bem sabe valorizar a hospitalidade e as formas humanas de acolhimento (cf. Lc. 7,44 e ss.) tem que recomendar aos discípulos enviados em missão: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10,4). É simplesmente um problema de aproveitamento do tempo numa missão urgente!

O segredo da hospitalidade oriental é que a educação prioriza o outro, enquanto nossa educação tende a ser centrada no eu do sujeito. Assim o expressou a monja Coen em uma entrevista: “Eu sinto que sair do eu auto-centrado e se dedicar ao Eu maior é a própria felicidade – e isso tanto no Ocidente quanto no Oriente. Talvez os métodos educacionais sejam diversos: o Ocidente sempre foi mais centrado no eu individual do que o Oriente, que costuma considerar a coletividade em primeiro lugar”. Claro que isto não quer dizer que os ocidentais sejam egoístas e os orientais solidários, como aliás adverte a própria monja nessa mesma entrevista. (<https://www.asomadetodosafetos.com/2018/04/nao-da-para-preencher-vida-com-bares-novela-e-internet-diz-monja-coen.html>. Acesso em 10-03-2019)

Seja como for, algo desse centramento no eu revela-se em uma de nossas fórmulas de despedida mais usuais. A visita está indo embora e o dono da casa diz “Vê se aparece!”. Claro que o sentido é o de manifestar apreço e agrado com a presença do visitante, mas fica implícito (e inconsciente) que nós somos pessoas importantes, interessantes, bonitas, legais... e autorizamos você a vir ver-nos, pois, nós, além do mais, somos também generosos. A diferença com o Oriente fica clara quando contrastamos com a forma árabe para situações semelhantes: o oriental despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* - Permita que nós o vejamos (*você é a pessoa importante etc...*).

Voltando à nossa tendência ao exagero, ela nos leva a complicações semânticas. Lembro-me de que já no começo da adolescência, em 1966, eu ficava intrigado com a letra da canção “Pobre Menina”, da efêmera dupla Leno e Lílian, na qual o rapaz declarava seu amor pela moça pobretona, afirmando não se importar com sua condição miserável: “porque pobre menina eu te quero demais”. De lá para cá, o uso só fez se absolutizar e “demais” ocupou o lugar de “muito”, o que torna nossa comunicação problemática.

Quando, em 2010, o fadista José da Câmara quis homenagear Roberto Carlos, gravando uma dúzia de canções suas no CD “Emoções”, ele expressou a imensa dificuldade de manter as letras no original “brasileiro”. E declarou em entrevista à RTP: “há ali [no português do Brasil] frases que ficam cá ridículas...”. Assim, quando um português ouve o verso “essa fé que me faz otimista demais”, pensa em alguém demasiadamente otimista, que perde, talvez, fortunas em apostas e que necessita buscar tratamento para retornar ao bom senso e ao realismo... E o mesmo em outras línguas: dizer à pessoa amada “você é demais”, soa em inglês (“you are too much”), você é insuportável. Exceto na Itália, (os italianos sociologicamente tão propensos ao superlativo), onde, como nós, se pode dizer “sei troppo simpatica”, para expressar simplesmente que a pessoa é muito simpática...

Um caso na contra mão. Embora a afetividade e o calor humano sejam virtudes muito brasileiras, nossas formas verbais nem sempre são adequadas. Os estrangeiros sempre se chocam com nosso péssimo hábito de colocar o eu em primeiro lugar numa enumeração: “Eu e Fulano ganhamos um prêmio”, “Eu e Beltrano vamos fazer tal coisa”. O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós uma piada do Chaves:

Chaves: - Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...

Prof. Girafales: - Chaves, não é assim que se diz, mas: “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde...”

Chaves: - O senhor também está brincando de esconder com o Quico?

Prof. Girafales: - Não, Chaves, o burro vai na frente! [...]

Quero concluir, porém, com um refinamento do brasileiro na linha de buscar a suavidade em formas de linguagem: uma das mais notáveis realizações foi a de criar também um segundo modo para o frio e duro verbo “ter”. A forma portuguesa (e a espanhola) do “ter” – ao contrário do inglês, alemão, francês ou italiano, que têm formas *light* correspondentes ao latino *habere* – deriva da antipática e agressiva do latim *tenere*: “segurar”, “agarrar”, “pegar”... (Houaiss), no mesmo sentido em que “garfo” em espanhol é *tenedor*: aquele que tem (e, infelizmente, não podemos contar com o particípio “tenente”, porque se especializou em linguagem militar), segura e não larga.

Provavelmente por influência africana (que coincide com a forma quimbundo *kukala ni*) o português do Brasil criou uma suave e deliciosa alternativa para “ter”. Na vida comunitária africana, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: “Tudo que é meu, é teu”. Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: a tesoura, o grampeador, a pasta de dentes... Para esses objetos, não teria sentido dizer “ter”, mas *kukala ni* - “estar com”: “Você está com a tesoura?” “Quem está com o carregador do celular?”.

A linguagem brasileira estendeu essa fraternidade, substituindo em muitos outros casos o verbo “ter” pela locução “estar com” (o que não ocorre, nessa mesma extensão, nem em Portugal nem na Espanha): “Você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?...” (o espanhol diria *tienes tiempo, fiebre...*). O brasileiríssimo “estar com” é uma forma muito mais simpática, muito mais solta, pois aplica-se mais propriamente a “posses” casuais, as posses provisórias de algo que no fundo é tão meu quanto teu, ou melhor, é de todos nós. Ao menos, no âmbito da linguagem...

A afinidade com a mentalidade de hospitalidade africana torna-se evidente graças à recente difusão da palavra *ubuntu*. Essa palavra bantu tornou-se famosíssima e contém enorme carga de significado. Nas últimas décadas, *ubuntu* assumiu avassaladoramente a mídia, por conta da luta contra o *apartheid* na África do Sul. Nelson Mandela foi considerado a própria personificação do *ubuntu*, e o bispo, Nobel da Paz, Desmond Tutu criou a *Ubuntu theology*.

Mberia (2015) mostra a difusão da palavra *ubuntu* (/ suas variantes) em diversas línguas bantu, remetendo-a ao Proto-Bantu (!) e existente na própria origem dessas línguas, na região entre Nigéria e Camarões (p. 113). *Ubuntu* pertence a uma especial classe abstrata, originariamente significando *humanness / humanity* (p.113).

O significado de *ubuntu* é assim resumido por Oppenheim:

A palavra *ubuntu* vem da cultura Xhosa/Zulu, a comunidade na qual Nelson Mandela nasceu e se resume na frase “*Umuntu ngumuntu ngabantu*” (...) “uma pessoa é pessoa por meio de outras pessoas” ou “Eu sou porque nós somos” (cit. por Mberia 2015, p. 105).

Na famosa entrevista de 2006 ao jornalista sul africano Tim Modise (cf. p. ex. <https://www.youtube.com/watch?v=HED4h00xPPA>), o próprio Mandela fala sobre o significado de *ubuntu*:

Entrevistador: Muitos o enxergam como a personificação de ubuntu, como você entende o que é ubuntu?

Nelson Mandela: Antigamente, quando éramos jovens, um viajante que parasse numa aldeia não teria que pedir por água ou comida. Bastava ele chegar e as pessoas o atenderiam, dar-lhe-iam comida. Este é um aspecto do ubuntu mas há vários outros. Respeito, solicitude, compartilhar, comunidade, cuidar, confiar, abertura para o outro: uma única palavra pode significar tanto e é o espírito do ubuntu. Ubuntu não significa que alguém não deva ocupar-se de si, mas a questão é: ao fazer isso é para promover a comunidade a seu redor e promover a melhora dela?

A excelência da hospitalidade: interação entre o técnico e o pessoal

O segredo da hospitalidade brasileira (sempre sociologicamente tipificada...) está na forte propensão ao fator F de que fala Keirsej em oposição ao fator T.

F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos. O fator F é a outra metade do jeitinho (complementando a metade por conta do temperamento SP).

Os clássicos Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda já há muito apontaram esse caráter F do brasileiro (para o bem e para o mal) e algumas de suas manifestações em nosso modo de falar e de agir.

Além dos casos que já examinamos, A colocação do artigo antes do nome próprio (“Me chama o Roberto”, “Encontrei a Fabiana”); ou a substituição afetiva do nome pela primeira sílaba (“Me chama o Rô”, “Encontrei a Fa”). A ênfase pessoal, proibida pela gramática em Portugal, na colocação do pronome oblíquo (“Me chama o Roberto”, em vez de “Chama-me o Roberto). Neste carnaval, vi na TV portuguesa, a famosa marchinha: “Mamãe eu quero... **Dá-me** a chupeta”.

Sérgio Buarque de Holanda fala também da abordagem pessoal do brasileiro: “O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante da Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo.”

Nessa mesma linha vai a aguda constatação de Gilberto Freyre em *O Brasileiro entre os Outros Hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma

sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão”. Essa afirmação é vista pelo filósofo espanhol Julián Marías (1986, p. 350) como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua e exemplifica Freyre com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” objetiva, do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

O português conseguiu conjugar de modo pessoal o neutro infinitivo: não exercemos o impessoal “sair”; é o nosso sair: “É bom sairmos porque é hora de irmos”. Para não falar em extremos - como nos fez notar o Dr. Sylvio Horta - como o da expressão: "Minha Nossa Senhora!".

Se unirmos esse calor F que o Brasil já fornece de graça e “de nascença” a nosso povo e ao pessoal que trabalha em serviços, um pouco mais do fator T, que valoriza a organização, a objetividade e a eficiência, nossa hospitalidade será, de longe, a melhor do mundo. E obter isto, esta difícil harmonização de opostos, é no que, parece-me, consiste a missão formadora, a vocação deste Programa.

Muito obrigado

Referências bibliográficas

Agostinho, Santo **Confissões**. Canção Nova, ed. eletrônica 2007. https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf: , Acesso em 08-02-2019.

Anhembi Morumbi - **Programa de Pós-Graduação** em Hospitalidade - Mestrado e Doutorado, 2019 <https://portal.anhembi.br/pos-graduacao/cursos/ppghospitalidade/#tab1> Acesso em 05/03/2019.

Camões, Luís Vaz de **Poemas**. Escritas.org ed. Eletrônica, s.d. <https://www.escritas.org/pt/luis-de-camoes> . Acesso em 08-02-2019.

Freyre, Gilberto **Casa Grande & Senzala**, São Paulo: Global, 2006

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

Lauand, Jean “Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper”. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, v. 18 N. 1, 2015 <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/6688/5281>. Acesso em 08-02-2019.

LAUAND, Jean A expressividade do brasileiro. **Revista Internacional d’Humanitats**, n.28, pp. 5-30, 2013. <http://hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf> acesso em 17-02-19.

Lauand, Jean “Espanha e Brasil: ‘*las vigencias*’”. **Revista Internacional d’Humanitats**. São Paulo/Barcelona N. 42, 2018. <http://www.hottopos.com/rih42/129-136Jean.pdf>. Acesso em 09-02-19

Marías, Julián “Entrevista” **Revista Internacional d’Humanitats**. São Paulo N. 8, 1999. <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>. Acesso em 09-02-19

Marías, Julián **Hispanoamerica**. Madrid: Alianza, 1986.

Mberia, Kithaka wa. Ubuntu: linguistic exporations. **International Journal of Scientific Research and Innovative Technology** Centre for Promoting Knowledge (CPK) Vol. 2 No. 1; January 2015, pp. 103-115.

Pieper, Josef “Abertura para o todo: a chance da universidade”. **Convenit Internacional**, São Paulo/Porto, N. 27, 2018 <http://www.hottopos.com/convenit27/109-120PieperUniv.pdf>. Acesso em 08-02-2019.

Recebido para publicação em 18-01-19; aceito em 20-02-19